



O encontro com o outro como afetação: lugares da filosofia

POR KALUANY HONDA LEONE,
KARLA APARECIDA GABRIEL Y
RENATA MORAIS LIMA

kaluanyhl@hotmail.com
kargabrl@uol.com.br
rmoraislima@yahoo.com.br

O lugar da experiência

Se a escola fosse o lugar da atenção, na qual o discente interessado em desenvolver seu potencial para o trabalho pudesse aprender o que precisasse, se pudesse ser um lugar de descoberta das diversas culturas da humanidade, não só as culturas acumuladas durante gerações, mas também as diversidades culturais que ali habitam, se fosse um lugar onde a experiência advinda do convívio com os outros nos proporcionasse aprender a falar através das línguas que são diferentes da nossa, talvez os diversos conhecimentos que coabitam esse mesmo tempo e espaço fossem valorizados pelos próprios atores que a compõe.

Os docentes, por sua vez, se partissem para o encontro com seus estudantes através da abertura para os acontecimentos, com menos intenções e mais atentos, talvez pudessem perceber uma presença que poderia significar a estadia na educação de uma maneira outra. Tal presença poderia extrapolar o previsível, que talvez por falta de atenção não haja sido percebida.

O motivo pelo qual a vida e o universo escolar produzem encantamento é justamente o que os agentes da educação vêm tentando sufocar, a diversidade. E ainda que estejamos passando por renovações na mentalidade desses atores educacionais, ainda o que encontramos dentro das escolas são professores e professoras frustrados por não conseguirem transmitir seus conteúdos. Encontramos estudantes que preferem estar com seus celulares a se voltarem para o encontro com os educadores. Nos deparamos com gestores desgastados com as demandas de alunos e professores estressados. E no



meio dessas ondas de desejos, objetivos, intenções e atenções diferenciados que a cada momento nos levam para pontos diferentes, nos questionamos: Como estar presente neste universo?

Nessa relação entre a intenção de Governo e sociedade, e a atenção como uma forma outra de habitar o espaço escolar, Larrosa nos esclarece:

O tipo de relação que não desperdiça o que existe talvez não seja o da intenção, mas o da atenção. Porque atenção e intenção são inversamente proporcionais. Quanto mais intenção, menos atenção, e vice-versa. Quanto mais crítica e mais juízo, menos atenção, e vice-versa. E o sujeito da experiência não é um sujeito intencional, nem crítico, nem jurídico, mas um sujeito atento (2008, p. 188-189).

A partir deste pensamento, talvez fosse necessário resgatar através da educação, a humanidade do Homem, a fim de que não sejamos tragados pelas ondas bravias da vida. O desafio reside em um ponto crucial – salvaguardar a humanidade do ser humano, e isso apenas acontecerá, caso admitamos que existe um abismo que separa a educação da socialização, caso admitamos que a educação é, nas palavras de Biesta (2013, pg. 25), “mais do que a simples inserção do indivíduo humano em uma ordem preexistente, que ela acarreta uma responsabilidade pela unicidade de cada ser humano individual”.

Podemos pensar, desta maneira, que a escola é a base de sustentação na qual emergem múltiplas maneiras para os seres humanos virem ao mundo e se tornarem seres únicos e singulares. Gert Biesta (2013) propõe que os indivíduos somente podem tornar-se presença, ou seja, somente podem se fazer existir, por meio das relações com outros indivíduos. É dizer, somente nos tornamos presença através de nossas relações com aqueles que não são como nós, somente vimos ao mundo através do nosso encontro com o Outro que nos é estranho e diferente. No entanto, este encontro nem sempre se dá amistosamente.

Será que nos falta sensibilidade? Será que poderíamos pensar que nos falta Amor? Será que perdemos a habilidade de nos encontrarmos com o Outro e nos reconhecermos como pares? Será que podemos pensar que pode ser por este motivo e não por outros, que estamos imersos em um mundo repleto de violência simbólica, física, moral? Seria



a sensibilidade a ferramenta através da qual conseguiríamos resgatar nossa capacidade de reconhecer o Outro, estar com o Outro, viver com o Outro?

Biesta (2013) reitera que a vinda ao mundo de seres únicos e singulares não é a única responsabilidade educacional, é também a responsabilidade por um mundo de pluralidade e diferença, pois o mundo em que sujeitos tornam-se presença, é este mundo plural e diferente.

A Atualidade nos propõe uma caminhada que nos leva a outro mundo, um mundo que desconhece a condenação e se abre à compreensão, um mundo onde possamos fazer educação para o Outro, mas também com o Outro, despertando o Amor¹ latente que há em nós. Um mundo onde possamos criar uma nova pedagogia, nas palavras de Skliar (2003, pg. 46):

Uma pedagogia do acontecimento, uma pedagogia descontínua, que provoque o pensamento, que retire do espaço e do tempo todo o saber já disponível; que obrigue a recomeçar do zero, que faça da mesmidade um pensamento insuficiente para dizer, sentir, compreender aquilo que tenha acontecido; que emudeça a mesmidade. Que desordene a ordem, a coerência, toda a pretensão de significados. Que possibilite a vanguidade, a multiplicação de todas as palavras, a pluralidade de todo o outro. Que desminta um passado unicamente nostálgico, somente utópico e absurdamente elegíaco.

A proposta de Skliar, talvez seja possível a partir do momento em que pudermos ver a humanidade do Homem como uma questão fundamentalmente aberta, cuja análise deve ser realizada repetidas vezes a fim de nos manter alertas, principalmente frente às tentativas de redução do que significa ser humano e levar uma vida humana (Biesta, 2013).

Biesta complementa:

Isso é certamente mais difícil que viver num mundo em que está claro quem é humano e quem não é, quem é racional e quem é louco, quem é civilizado e quem não é. Mas a sensação de segurança que vem junto com essa abordagem só pode

¹Neste trabalho, tratamos como amor, o afeto de que nos fala Carlos Skliar (2013), o afeto enquanto um gesto que traz a educação de volta ao campo da ética. Skliar chama esta ética de Ética Singular ou Responsiva, ou seja, uma ética que dá uma resposta a algo ou a alguém que nos afeta. Nas palavras de Skliar: “sabe cuándo uno ya no se queda más tranquilo, [...], cuándo está em vigília, porque algo ha visto, algo ha sentido y hasta que no responde, no está tranquilo”.



ser uma pseudosseguurança, porque a verdadeira questão – como viver com os outros que não são como nós – não desaparecerá.

Talvez precisemos despertar para a consciência de que somente nos fazemos plenos através do nosso encontro com o Outro. Quiçá precisemos nos reconhecermos uns nos outros e uns com os Outros e esse reconhecer, deve ser entendido como um poema que deve ser escrito e reescrito, interpretado e reinterpretado, lido e relido, principalmente nas entrelinhas.

A sensibilidade nos proporcionará responder ao Outro através do indizível, nos permitirá pensar com o Outro, estar com o Outro, viver com o Outro. Essa sensibilidade nos levará ao belo campo onde se germinam as sementes da humanização das relações humanas.

Dizer desse encontro é dizer que estamos atentos à diversidade, que a multiplicidade da vida está ali e em todo lugar, que somos iguais mediante nossa desigualdade. Estamos abertos para a experiência e não mais somos regidos por um modelo opressor.

Esta curiosidade por permitir um encontro com as diversidades que permeiam um ambiente escolar nos colocou a caminhar na direção do grupo de pesquisa Tempos. Estar neste grupo nos proporcionou pensar em nossa vivência escolar enquanto professoras do ensino público e particular de escolas de Juiz de Fora. Neste espaço de pesquisa, pudemos perceber também, enquanto professoras, nossa necessidade de pensar/repensar nossa prática, e neste espaço trocamos impressões e reflexões como professores/pesquisadores, que nos proporcionam novos pensamentos. Junto destes pensamentos, descobrimos autores e novas maneiras de pensar a educação. Percebemos que não existem respostas prontas, mas um mundo de desafios, que nos encontros vão se reformulando. Que devemos estar atentos à singularidade do que vivemos. Cada momento é único, cada encontro traz uma particularidade que não irá se repetir. Será que estamos atentos?

Larrosa explorar essa “*atenção* como uma relação com o mundo, com os outros e com nós mesmos, e que essa não passe pela intenção, nem pela representação, nem pelo juízo [...], a atenção se relaciona, em primeiro lugar, com o estar presente” (2008, p. 190).



Esse momento do encontro com o Outro estamos chamando de lugar da experiência.

O papel do professor de Filosofia

Estamos pensando no papel do professor de Filosofia como o responsável por promover encontros em detrimento da transmissão de um tipo apenas de conhecimento e que a partir desses encontros seja possível novos conhecimentos.

Junto ao grupo de Pesquisa Tempos vimos pensando nesses encontros como promotores de uma outra temporalidade dos alunos. Propomos em algumas aulas de Filosofia, ministrada por uma das autoras deste artigo, a não fragmentação do tempo e/ou a não fragmentação dos conteúdos. A nossa limitação eram os cinquenta minutos que compõe uma aula de Filosofia na escola pública do estado de Minas Gerais.

Foram quatro encontros no início do ano. Como estávamos começando o ano, deixamos que a partir de nossas apresentações, “quem sou eu”, os diálogos fossem provocando novos conhecimentos e novos assuntos para os próximos.

A turma era composta por pessoas de várias idades, pois se tratava de uma turma de educação de jovens e adultos (EJA) e à medida que cada um foi falando quem era, a professora foi anotando certas palavras no quadro, a palavra escolhida depois para continuar conversando foi o amor.

Em um novo encontro cada um ficou responsável por levar para a aula algo que nos fizesse pensar sobre o amor. A professora levou um livro didático de Filosofia, o Filosofando. Um outro aluno levou a bíblia, outro levou a música “Monte Castelo”, do Legião Urbana.

Começamos nossa conversa pelo que a bíblia nos traz, durou a aula toda. Em uma outra falamos dos diversas abordagens trazidas pelo livro de Filosofia. E em uma terceira aula tratamos da música.

Uma fala nos marcou no encerramento de nossas conversas sobre o amor. Perguntados sobre o que eles levariam para a vida desses encontros, uma aluna respondeu, que não



existe uma única certeza. Que nas diversas concepções e linguagens ali abordada ela pode levar que o amor é essa própria diversidade.

E nós professoras, percebemos nossa condição humana. Se nossa humanidade se materializa por nossos encontros, pelos nascimentos que proporcionamos e pelos nascimentos que nos acontece, por que não nos colocarmos diante do outro como um mestre que tem uma única certeza – a de que ignora? E diante da certeza de minha ignorância junto às ignorâncias alheias, por que não colocar-me em direção a um lugar diferente do inicial? As possibilidades, então, se abrem.

Nesta perspectiva da novidade, de estar aberto ao outro, sem pre-julgamentos, o professor leva para o encontro com seus alunos apenas sua atenção. Como já nos disse Larrosa anteriormente, esta é suficiente para promover uma experimentação e para nos dizer da vida.

O encontro com o Outro como perplexidade, como afetação

Larrosa nos chama atenção para pensarmos sobre a experiência e o que a torna mais rara. Chama-nos atenção para os acontecimentos que acabam por nos afastar da experiência, como nos diz citando Walter Benjamin “nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara” (2002, p.2). Essa preocupação do autor em relação às coisas as quais nos submetemos, as que não se transformam em experiência, é para nós uma preocupação quando nos deparamos com o universo escolar. Além disso, ainda nos surge como preocupação, a questão do encontro com o Outro como experiência.

A experiência, isso que não sou eu, mas que acontece em mim, não existe sem a aparição de algo ou alguém exterior a mim, e essa exterioridade é que dá corpo à alteridade, a essa coisa que acontece em mim, mas que é outra coisa que não eu. Não outro eu e nem outro como eu, mas um outro, radicalmente outro (Larrosa, 2009).

Assim, é importante saber que sem a novidade do Outro, sequer teremos possibilidade de ser “eu”. É necessário que saibamos enxergar através do olhar, que saibamos olhar e



reconhecer o Outro como um agente que é produtor e produto, ao mesmo tempo, de relações de igualdade. E ainda mais importante, que saibamos que a outridade se silencia num olhar que não vê e que por muito tempo, temos sido silenciadores e silenciados.

O papel da escola ao ser desempenhado como apenas informadora, transmissora, limita as possibilidades da experiência. Não abre à possibilidade de que o encontro com o Outro, se torne uma experiência de ser e de saber para os sujeitos envolvidos em tal encontro.

O encontro com o Outro surge como uma atitude que ao início do processo da relação educativa demonstre e transmita o sentimento e o reconhecimento de igualdade entre os sujeitos, entre o eu e o Outro. O encontro do eu com o Outro em condições de igualdade, de reconhecimento como pares, abre novas possibilidades de nascimentos, de vindas ao mundo. A exposição ao Outro, a ação conjunta dos indivíduos, a influência do eu no Outro e do Outro no eu nos torna únicos e em certo sentido, humanos. Nos abre à uma possibilidade outra de responder o Outro, nos abre à experiência de estar com o Outro, conviver com o Outro dentro da impossibilidade de assimilá-lo, julgá-lo ou excluí-lo, antes de tudo que possa surgir a partir deste encontro.

A informação, a opinião, o tempo e o trabalho são conceitos explorados por Larrosa (2004) para dizer da destruição da experiência. Se o papel da escola é trazer o conhecimento, conhecimento acumulado das sociedades humanas ou naturais, como podem estes conteúdos, estas informações não nos remeterem à vida? Não nos provocarem um acontecimento? Não permitirem que através deles se produzam encontros?

Depois de assistir a uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro ou uma informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informação que antes sobre alguma coisa, mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos passou, que nada nos tocou, que, com tudo o que aprendemos, nada nos sucedeu ou nos aconteceu (LARROSA, 2004, p. 154).



Além de sermos informados, precisamos também, na sociedade atual, emitir opiniões, “supostamente pessoal e supostamente própria e às vezes supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre todo aquilo do qual tem informação” (LARROSA, 2004, p. 155). O problema é que quando temos opiniões, estas já são formadas previamente, elas não nascem juntamente com os acontecimentos cotidianos, pois estes podem ser raros exatamente porque não somos atentos a eles. Já sabemos o que pensar sobre os acontecimentos, temos opinião sobre tudo o que acontece.

Dizemos, baseadas ainda nas palavras de Larrosa, sobre a experiência que é cada vez mais rara, que a experiência morre quando há excesso de trabalho. A exigência por se cumprir um currículo não nos deixa parar para vivenciarmos o que acontece no ambiente escolar, nas aulas, o que acontece nos encontros entre os alunos e os professores, nos encontros entre os próprios professores, “a experiência não tem nada a ver com o trabalho, senão mais ainda, que o trabalho, essa modalidade de relação com as pessoas, com as palavras e com as coisas que chamamos trabalho, é também inimiga mortal da experiência” (LARROSA, 2004, p. 159).

A morte da experiência também se dá por falta de tempo. “E na escola o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e mais curtos. Com o quê, também em educação, estamos sempre acelerados e nada nos acontece” (LARROSA, 2004, p. 158). Podemos perceber isso, através da obra *O Papalagi* [s.d.], como a questão do passar do tempo se tornou um problema para nós. Como nos relacionamos mal com o tempo que temos e que julgamos não ter, e que por esse motivo, corremos contra o tempo, a fim de fazermos mais e mais coisas e assim, não nos damos tempo para experienciar o que nos acontece.

Larrosa (2014) diz que o sujeito moderno é um eterno insatisfeito, que seu desejo por estar permanentemente excitado, o impede de vivenciar o silêncio, e assim, nada lhe passa, nada lhe acontece. A obsessão em seguir o curso acelerado do tempo, torna o sujeito, um sujeito sem tempo.

E o autor complementa:



A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2014, p.25).

Quando a experiência morre o sujeito não é mais o mesmo. O sujeito, antes da modernidade, era aberto para a vida, para os acontecimentos que lhe tocavam, que o afetavam. Na medida em que houvesse uma afetação, na medida em que o sujeito fosse respondendo ao que lhe acontecia, na medida em que fosse dando sentido aos acontecimentos, ele seria capaz de se formar e se transformar. E sendo a experiência o que acontece ao ser e ao saber da experiência, o sentido ou o sem-sentido do que lhe acontece, trata-se de um saber singular, mais ligado à vida do sujeito ou de uma comunidade humana em particular. Em suma, é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente e pessoal que merece ter seu lugar pelas inúmeras possibilidades que nos proporciona de saber do mundo e estar no mundo.



Referências

BIESTA, G. **Para além da aprendizagem**: educação democrática para um futuro humano. Belo Horizonte: Autêntica. 2013.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de babel** / Jorge Larrosa; traduzido por Cynthia Farina. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, Jorge. **Filosofia, aprendizagem, experiência** / organizadores Siomara Borba, Walter Kohan. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

O PAPALAGUI. 7. ed. São Paulo: Marco Zero. [s. d.].

SKLIAR, C. B. . **A educação e a pergunta pelos Outros**. Diferença, alteridade, diversidade e os outros outros. Ponto de Vista (UFSC), Florianópolis, v. 5, p. 37-50, 2003.

SKLIAR, C. Conferência: **Educar a todos significa educar a cualquiera y a cada uno**: sobre la singularidad y la pluralidade en educación. Universidad de Málaga. 08 de maio de 2013. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=KlZ8WKuEXnc>